

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: A PEDAGOGIA DO TEATRO NO ENSINO MÉDIO

Dayane Garret Peres⁶⁰
Guaraci da Silva Lopes Martins⁶¹

Faculdade de Artes do Paraná/FAP

RESUMO

O presente artigo é o resultado do meu crescente interesse em aprofundar a reflexão sobre o teatro no espaço regular de educação. Para tanto, recorri à pesquisa com uma abordagem qualitativa numa associação dos fundamentos teóricos à prática realizada, especialmente no estágio supervisionado que me proporcionou a oportunidade de desenvolver ações pedagógicas no próprio ambiente da escola pública. O trabalho culminou na elaboração deste artigo, processo este de suma relevância para o fortalecimento da compreensão sobre as contribuições do teatro na prática docente.

Palavras-chave: teatro; educação; estágio supervisionado.

Diante da consideração sobre a relevância da pesquisa aqui compreendida como fundamental no processo de envolvimento do aluno com a produção de novos saberes, envolvi-me no Programa de Iniciação Científica – PIC/FAP que resultou na no presente artigo. Neste trabalho acadêmico busquei ampliar a minha compreensão sobre as contribuições da Pedagogia do Teatro para uma educação comprometida com o exercício do pensamento crítico e reflexivo do estudante inserido no Ensino Médio da escola pública.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base no meu processo de estágio, mais precisamente na disciplina Estágio Supervisionado I, sob a orientação e supervisão da professora Dra. Guaraci Lopes Martins. Essa etapa acadêmica se iniciou no primeiro semestre de 2010, estendendo-se até o início do segundo semestre, no Colégio Estadual de Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante Pedro Macedo, na região de Curitiba - PR. O estágio foi realizado com alunos do 3º do Ensino Médio na disciplina de Artes, mais precisamente com as turmas do período noturno, sob a

⁶⁰ Graduanda do Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná – FAP

⁶¹ Especialista em Didática para o Ensino Superior-PUC/PR; Bacharel em Artes Cênicas-PUC/PR; Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas-FAP/PR; Mestre em Educação-Tuiuti/PR; Doutora em Artes Cênicas pela UFBA e docente da Faculdade de Artes do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada na FAP/PR e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Relações de Gênero e Tecnologia – GETEC/PR.

responsabilidade de uma professora graduada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP⁶²

O desenvolvimento do estágio ocorreu com um grupo composto por três alunas/estagiárias: por mim e mais duas colegas, com previsão de término apenas no mês de agosto, em função de uma tentativa frustrada de desenvolver essa etapa acadêmica no início do mês de março. Para melhor compreensão, em um primeiro momento, procuramos dar início ao estágio em um colégio confessional, onde a professora titular aceitou nossa proposta com as turmas de alunos pelas quais é responsável na disciplina de Artes, mediante a elaboração de um projeto que contemplasse todas as linguagens artísticas. Ainda que resistente, ela acatou a argumentação sobre nossa habilitação específica em Teatro, a qual requer um projeto de ensino com enfoque nessa área.

A docente argumentou, ainda, que faria o favor de nos aceitar mesmo diante da perspectiva de atrasar os conteúdos a serem desenvolvidos por ela ao longo do semestre. É oportuno lembrar que a Faculdade de Artes do Paraná e a Secretaria Estadual da Educação – SEED mantêm um convênio que garante o direito dos alunos dos Cursos de Licenciatura da FAP à realização dos seus estágios no Ensino Básico de qualquer escola da Rede Pública do Paraná. Na cláusula primeira desse documento, lê-se que o convênio tem por objetivo oportunizar aos alunos estagiários da Faculdade de Artes do Paraná a experiência acadêmico-profissional em um campo de trabalho determinado visando: a) articulação dos conhecimentos teóricos com experiências práticas; b) maior proximidade do aluno com as condições reais de trabalho por intermédio de práticas afins de acordo com a natureza e especificidade do curso.

As inúmeras situações desagradáveis, muitas vezes desrespeitosas, culminaram com a nossa decisão no sentido de interromper o estágio naquela instituição. A partir de então, passamos a procurar uma nova escola, sempre na esperança de encontrarmos um ambiente mais harmonioso para a realização dessa fase acadêmica. Tal como já explicitado, encontramos esse espaço no mês de maio, ou seja, no Colégio

⁶² Por questões éticas, o nome oficial da professora titular, responsável pelas turmas de alunos, assim como, dos alunos envolvidos nesta pesquisa não serão divulgados, fazendo referência a eles pelas letras do alfabeto.

Estadual Pedro Macedo, quando eu e as minhas colegas reiniciamos um novo processo de estágio, que compreendeu uma carga horária de 240 horas aula.

Concordo com Sonia Tramuja Vasconcellos (2007), segundo a qual, a formação inicial significa apenas uma parte de todo um processo de formação. O processo de estágio possibilita ao licenciando a vivência do processo educacional e o conhecimento da realidade em que ele vai trabalhar, ampliando e aprofundando suas reflexões sobre a cultura escolar e a formação docente. Com efeito, ao longo do estágio compreendi que a reflexão sobre o ensino do Teatro impõe ao pesquisador um olhar para além do raciocínio lógico, tão comumente utilizado nas pesquisas quantitativas, restritas a uma descrição dos fatos e acontecimentos observados. Ou seja, uma investigação que busca a articulação do Teatro com a Educação precisa integrar a organização lógica, com movimentos que se mostram somente por meio do olhar sensível. Esta associação vai possibilitar a captação de informações subjetivas importantes para a descrição de impressões que transcendem a superfície do objeto.

Acredito que os cursos de formação de professores precisam estimular o interesse do aluno sobre o conhecimento sistematizado, e concordando com Paulo Freire (2004, p. 29), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Posso afirmar que o envolvimento com esta pesquisa proporcionou um avanço na minha trajetória acadêmica, sobretudo porque ofereceu a possibilidade da articulação com textos específicos da pedagogia do teatro com a prática, a qual se realizou no próprio espaço da escola ao longo do estágio supervisionado.

125

Para a elaboração deste artigo selecionei a experiência em sala de aula com os alunos da turma do 3ºH, composta por uma média de trinta estudantes, em sua maioria pertencentes a uma faixa etária entre dezesseis a vinte e seis anos. Posso afirmar que não houve uma diferença significativa no trabalho realizado com as demais turmas, mas a discussão com a orientadora/supervisora do estágio evidenciou a relevância desta seleção para o aprofundamento do meu olhar sobre as contribuições do Teatro no Ensino Médio da escola pública.

A partir de trocas de informações realizadas com a professora titular, as minhas colegas e eu elaboramos propostas teatrais que pudessem contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade artística e do pensamento crítico e reflexivo do

aluno em processo de formação. Para a elaboração do projeto de estágio, pautamos de textos específicos da educação e da pedagogia do Teatro, que, associados ao Teatro do Oprimido e ao sistema desenvolvido por Viola Spolin integraram esse trabalho que buscou a associação entre a teoria e a prática.

O encaminhamento metodológico dessa fase acadêmica se pautou de exercícios vinculados à expressão vocal e corporal, e demais atividades específicas do teatro. Ou seja, as improvisações e os jogos dramáticos e teatrais fizeram parte desse trabalho que, muitas vezes proporcionou a problematização sobre variados temas sociais. Ao final de cada uma das aulas, os alunos eram estimulados à reflexão e à contextualização das propostas teatrais realizadas.

Enfatizo que pelo Teatro, o aluno desenvolve a sua compreensão sobre as infinitas possibilidades de expressar as próprias emoções, sentimentos, sensações, anseios e necessidades. Cabe ainda acrescentar a importância dessa área da Arte para a discussão reflexiva sobre várias questões e valores humanos, sendo, por esta razão, um espaço profícuo para a elaboração e reelaboração de conceitos em direção a novas perspectivas de vida.

O Colégio Estadual de Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante Pedro Macedo conta com um total de setenta e quatro professores, mas apenas quatro deles são regentes da disciplina de Artes, desenvolvendo essa disciplina com base na polivalência. Em um de seus depoimentos a professora titular informou que, tal como os demais docentes responsáveis pela disciplina de Arte no referido Colégio, ela também desenvolve suas regências norteada pelas quatro linguagens artísticas. Também esclareceu sobre o seu compromisso em estimular por meio do ensino da arte, a discussão sobre variados temas da vida cotidiana dos estudantes.

De fato, no processo de observação, uma das fases do estágio, foi possível constatar o seu compromisso com um trabalho voltado para a realidade do aluno. Para melhor exemplificar, em uma de suas ações pedagógicas, por meio do ensino das Artes Visuais, esta docente estimulou a reflexão em sala de aula sobre processos de discriminação relacionados ao racismo. Com frequência, antes do término das aulas os alunos eram estimulados à discussão sobre os conteúdos abordados em sala de aula, atividade esta seguida pelo registro escrito sobre o assunto.

Essa professora foi responsável pela disciplina de Arte para alguns daqueles alunos nos anos anteriores. Assim, adaptados à metodologia utilizada pela mesma, em geral, eles participaram ativamente dos debates envolvendo distintos assuntos retirados da vida em sociedade. No processo de sua formação continuada, esta docente recorreu ao Curso de Pós-Graduação em Fundamentos do Ensino da Arte, ofertado num determinado ano pela Faculdade de Artes do Paraná. O último módulo desse curso oferecia aos alunos a opção de desenvolverem 60 horas/aula em uma das quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Esta estratégia tinha como proposta ampliar o conhecimento daquela turma em uma dessas linguagens artísticas. Naquele momento, a professora optou pelo módulo Teatro Educação, pois, de acordo com o seu depoimento:

- Essa escolha foi tomada pela minha percepção de que existe uma lacuna sobre os meus próprios conhecimentos sobre esta área. A minha graduação é em Artes Visuais, e por esta razão senti necessidade de aprofundar a minha compreensão sobre o Teatro para melhor orientar os alunos nesta linguagem artística em sala de aula. Eu entendo que o Teatro pode contribuir no processo de conhecimento do estudante. (Professora Titular)

127

Concordo com a professora, pois, de fato, o Teatro é capaz de envolver o aluno em um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, especialmente quando compreendido como uma área que possui uma história, conteúdo e metodologias específicas. Em seu dinamismo, esta área da Arte oferece a possibilidade de o professor desenvolver em sua prática pedagógica a discussão sobre variadas questões e valores humanos fundamentais para uma vida social mais justa e igualitária.

Para isso é preciso que o professor organize um trabalho consistente, através da Arte, inter-relacionado com a sociedade em que eles vivem. Entendemos que é possível atingir-se um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte, incorporando ações como: ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer, a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os refletindo, formando, transformando-os. É com essa abrangência que a arte deve ser apropriada por todos os estudantes, indiscriminadamente. (FUSARI & FERRAZ, 1993, p.20)

Ou seja, a Arte tem uma forte contribuição para propostas pedagógicas fundamentadas em uma ação educativa de qualidade. Por outro lado, tal como acontece na instituição onde realizei o estágio, com frequência, as escolas mantêm

docentes habilitados em uma determinada área da Arte para desenvolverem os conteúdos de todas as linguagens artísticas – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, independentemente de sua área de formação. Entendo que o estudante do Ensino Básico deveria ter contato com as quatro linguagens com professores habilitados nessas áreas específicas. Contudo, ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais Arte (1997) sinalizem no sentido da especificidade das formas de expressão artísticas, a polivalência prevalece no espaço escolar.

Tem-se conhecimento de inúmeros cursos de formação específica em Arte neste país, mas o efetivo espaço de cada uma de suas áreas na escola permanece um desafio. “A atividade artística é periférica ao sistema escolar e lhe é atribuída a característica de „recreação“, quando não é substituída a exercícios de coordenação motora.” (KOUDELA, p.1998, 29) O que almejo é que, especialmente, o Teatro na Escola seja compreendido pelo seu valor em si, ao contrário do que muitas vezes acontece.

Frequentemente o Teatro é compreendido no espaço da escola como uma mera atividade de recreação e/ou um instrumento a serviço de outras disciplinas que compõem a matriz curricular, em geral consideradas mais importantes no processo de formação do aluno. Ainda, quando desenvolvido em sala de aula, muitas vezes é realizado sem qualquer relação com o conhecimento do aluno, principalmente porque voltado para o produto final, tal como acontece em festinhas de final de ano, e demais datas cívicas e religiosas.

Precisamos continuar a luta política e conceitual para conseguir que arte seja não apenas exigida, mas também definida como uma matéria, uma disciplina igual às outras no currículo. Como a Matemática, a História, a Ciências, a Arte tem um domínio, uma linguagem e uma história. Se constitui, portanto, num campo de estudo específico e não apenas uma mera atividade. (BARBOSA, 1991, p.06)

Para reforçar essa argumentação, lembro que, no primeiro dia de regência no Colégio Estadual Pedro Macedo, perguntei à turma dos alunos envolvidos nesta pesquisa sobre a importância do Teatro, obtendo as seguintes respostas dos alunos C, F e M abaixo especificados nesta mesma ordem:

- Eu gosto de Teatro, pois acho divertido. Também, nos dias de Teatro não temos aula.

- O Teatro é muito chato. Quando sei que vai ter apresentação de Teatro aqui na escola, e que teremos que assistir alguma coisa eu prefiro ficar em casa.

- Eu me lembro que ao entrar na Escola no Ensino Fundamental eu apresentei um teatrinho onde eu era uma flor. Eu fiquei uma hora de joelhos em cena. Tenho trauma disso.

Por meio da fala selecionada, é possível a reflexão sobre a importância de um professor habilitado nessa área específica, para que o mesmo possa explorar, com eficiência, o dinamismo característico dessa atividade artística. Acrescento que, para a sua contribuição efetiva, faz-se necessário também um espaço físico adequado, a ampliação da sua carga horária no currículo escolar, que, em geral, restringe-se a duas horas aula por semana. As adversidades, porém, não podem impedir que o professor desenvolva o ensino do Teatro com qualidade, evidenciando a fundamental importância dessa área de conhecimento, assim como as demais que integram o currículo escolar.

São inúmeras as possibilidades de envolver os alunos em processo teatrais capazes de desenvolver a sensibilidade artística dos alunos, assim como, estimular a participação, o interesse e a discussão reflexiva dos mesmos sobre variados assuntos. Concordo com Boal (2007) quando afirma que o debate, o conflito de idéias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação, elementos comuns em um processo cênico-criativo, estimulam, aquecem, enriquecem, preparam os sujeitos nele envolvidos para agir na vida em sociedade, em processos de mudança.

Em especial as propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal centram-se na perspectiva de que a ação dramática mostrada no palco constitui-se numa possibilidade dos espectadores participarem ativamente no espaço da cena. Para exemplificar, tomemos o espetáculo apresentado pelo Teatro do Oprimido, em que os espectadores não existem simplesmente para ver, mas para participar e intervir, num processo de extinção dos limites entre palco e plateia, entre ator e espectador.

Para Boal, o conjunto de papéis desempenhados pelo sujeito na sociedade culmina na utilização de “máscaras” e, nessa rotina social, esse mesmo sujeito acaba por desempenhar papéis sociais sem perceber o processo ritualístico no qual está envolvido. No Teatro do Oprimido, interessa ocupar-se com a “desalienação” das pessoas. Conseguir

que, uma vez transformados, os espectadores tenham melhores condições para preparar ações no contexto de sua própria existência cotidiana, essencialmente social:

O Teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente „ensaio“ da revolução. O espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação, não importa que seja fictícia: importa que é uma ação. (BOAL, 1977, p. 127)

O Teatro-Jornal foi uma das propostas utilizadas no estágio, cabendo mencionar uma das regências pautada no processo de improvisação teatral, trabalho este baseado em artigos de jornal previamente selecionados pelas estagiárias. Neste momento, seleciono o trabalho desenvolvido por um dos grupos que, norteado por um dos artigos levou para o espaço da cena uma situação marcada pelo racismo. Ou seja, o artigo tratava de três estudantes do ensino superior de uma determinada instituição do estado do Paraná que, numa demonstração de discriminação lançaram fogo sobre um cigano. Esses estudantes foram notificados pelas autoridades, mas soltos em seguida sob fiança.

Os alunos daquele grupo representaram cada uma das pessoas envolvidas nesse episódio que foi alvo de perplexidade no contexto social. Após as apresentações de todas as cenas, cada qual com temas distintos, a turma de alunos foi orientada para a discussão sobre os trabalhos apresentados, momento em que foi possível aprofundar a reflexão, especialmente sobre o racismo. Nas falas dos alunos M e G abaixo selecionados lê-se o seguinte:

- Foi um absurdo o que esses alunos fizeram. Sem dúvida eles representam um risco na sociedade, mas infelizmente as nossas leis, muitas vezes, não são cumpridas.

- O que aconteceu com aquele cigano pode acontecer com outras pessoas independente da sua etnia. As situações de violência estão aumentando todos os dias, contra pessoas de todas as idades, classe social e até religião.

Essa etapa do trabalho possibilitou a discussão entre as estagiárias e os alunos envolvidos de que situações geradoras de exclusão, discriminação e violência contra o sujeito, em função de sua raça/etnia, classe social, gênero, sexualidade, religião, dentre outras, ainda hoje, permanecem presentes em diversos espaços sociais, incluindo-se no ambiente escolar. Aquele momento foi propício para a reflexão sobre a

importância do respeito à diversidade num exercício de cidadania. Cabe aqui ressaltar a urgência do investimento em projetos políticos e pedagógicos comprometidos com uma educação menos discriminatória, por conseguinte, com uma sociedade mais democrática.

Também, fundamentadas no sistema de Viola Spolin, cada uma das estagiárias orientou a turma de alunos em improvisações teatrais, quando os mesmos tiveram a oportunidade de exercerem a função de atores e espectadores. Neste momento dialogo com Spolin (1992, p. 11), segundo a qual “o papel da plateia deve se tornar uma parte concreta do treinamento teatral”.

Para melhor exemplificar o trabalho realizado, seleciono um dos exercícios quando foi utilizada a blablação, atividade esta que substitui as palavras articuladas por configurações de sons da linguagem para a transmissão de uma determinada mensagem. Para a realização dessa proposta, os alunos formaram pequenos grupos, para, em seguida, cada um deles apresentar-se aos próprios colegas de turma. Nessa atividade, os alunos deveriam expressar-se por meio do corpo e da voz, procurando novas possibilidades do uso da palavra. Em cena, o grupo deveria manter o foco na proposta lançada, para melhor atingir os objetivos estabelecidos e, dessa forma, compartilhar sua experiência com a plateia formada pelos demais integrantes do grupo.

Em geral, os alunos participaram dessa atividade com interesse, lembrando que antes do término de cada uma das aulas, eles eram estimulados à reflexão sobre as propostas teatrais desenvolvidas. Alguns deles demonstraram certo receio em participar das discussões, principalmente quando foram orientados para manifestarem suas sensações, sentimentos e emoções experimentados ao longo do exercício proposto. Por outro lado, no decorrer das aulas associadas às propostas de Spolin, incluindo-se a utilização das proposições: QUE (ação no jogo teatral), ONDE (espaço da ação no jogo teatral) e QUEM (papéis emergentes a partir do jogo teatral). Este recurso proporcionou aos alunos os focos de atenção necessários para a clareza dos objetivos a serem atingidos.

Gradativamente, os estudantes se envolveram de uma forma efetiva das propostas lançadas ao longo do estágio, processo este que proporcionou a convicção sobre as contribuições do ensino do teatro, principalmente quando comprometido com metodologias que transcendem o “fazer pelo fazer”, calcadas em uma aprendizagem meramente superficial e mecânica. Compreendi que o processo cênico deve proporcionar

ao aluno a oportunidade de se identificar com sua própria experiência pessoal e sensível, tal como afirma a autora abaixo:

É no aumento da capacidade individual para experiência que a infinita potencialidade de uma personalidade pode ser evocada. Experimentar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo. (SPOLIN, 1992, p. 3).

Convém salientar que o trabalho coletivo colaborativo foi essencial aos propósitos a serem atingidos pelos alunos. E, para a eficácia dos seus resultados, a harmonia do trabalho em equipe precisou ser preservada. De fato, “o teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos. A sua ação é a ordenação desses conteúdos individuais e grupais”. (BRASIL, 1997, p. 83) Com efeito, a absoluta dependência de todos os envolvidos no processo cênico criativo impôs o compromisso de cada um daqueles estudantes para o êxito do trabalho criador.

Para o diretor de Teatro Constantin Stanislavski (1996), o ator precisa de ordem, disciplina, de um código de ética não só para as circunstâncias gerais do seu trabalho, como também, e principalmente, para os seus objetivos artísticos e criadores. De fato, principalmente o processo de estágio realizado fortaleceu o entendimento de que o trabalho colaborativo impõe a participação de todos, uma vez que cada um traz valores, competências e habilidades individuais que contribuirão para o resultado eficaz do trabalho desenvolvido pelo grupo.

Em suma, numa análise mais aprofundada sobre o trabalho com os alunos do Ensino Médio constatei a importância do Teatro na escola pública, lembrando que, muitas vezes, é nesse espaço que o estudante tem o seu primeiro contato com essa área da Arte. Sendo assim, saliento o desejo em dar continuidade ao processo de investigação sobre o ensino do teatro nos espaços formais e também naqueles não formais de educação, cabendo ressaltar o entendimento de que a pesquisa sistematizada é indispensável na carreira de todos aqueles que buscam a carreira docente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 6.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Civilização Brasileira. 1977

_____. **Jogos para atores e não-atores**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

FUSARI, Maria F. de Rezende & FERRAZ, Maria C. de T. Ferraz. 3 ed. **Arte na educação escolar**. 3 reimpressão. São Paulo: Cortez, 1993

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. (trad.) Ingrid Dormin Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 1992.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

VASCONCELLOS, Sônia Tramuja. **A experiência do estágio: análise do papel do estágio curricular no processo de formação do professor de artes visuais**. fls. 142 – Dissertação de Mestrado (Departamento de Educação) – Universidade Federal do Paraná-UFPR, Curitiba, 2007.